Vivendo no trecho: um ensaio etnográfico sobre “moradores de rua”

**Clara Zeferino Garcia, Marcos Castro Carvalho, Mariana Medina Martinez e
Mariana Miranda Zanetti**

Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1790>

DOI: 10.4000/pontourbe.1790

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrônica

Clara Zeferino Garcia, Marcos Castro Carvalho, Mariana Medina Martinez e Mariana Miranda Zanetti , «Vivendo no trecho: um ensaio etnográfico sobre “moradores de rua”», *Ponto Urbe* [Online], 3 | 2008, posto online no dia 30 julho 2014, consultado o 29 julho 2022. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1790> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1790>

Este documento foi criado de forma automática no dia 29 julho 2022.

Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Vivendo no trecho: um ensaio etnográfico sobre “moradores de rua”

Clara Zeferino Garcia, Marcos Castro Carvalho, Mariana Medina Martinez e Mariana Miranda Zanetti

NOTA DO AUTOR

Graduandos em Ciências Sociais - UFSCar

- 1 Aceitando o desafio de refletir sobre a cosmologia e a sociabilidade de um determinado grupo de “moradores de rua”¹ da cidade de São Carlos (interior do estado de São Paulo), sob uma perspectiva antropológica, iniciamos um ensaio etnográfico. A escolha desse objeto se deu, em boa medida, pelas inquietações teóricas e pessoais de cada um e pela escassez de análises voltadas para o tema. Tendo em vista as limitações dessa pesquisa – sem a utilização direta de uma bibliografia – admitimos que os resultados são preliminares, parciais e de difícil generalização. Nesse sentido, a análise aqui desenvolvida não tem a pretensão de esgotar a discussão proposta, mas apontar algumas possibilidades interpretativas e fomentar futuras teorizações.
- 2 Inicialmente, partilhávamos de uma série de pré-noções a respeito do objeto, o que, num primeiro momento, trouxe-nos algumas dificuldades de efetivação da pesquisa, desde a identificação visual/espacial à abordagem primeira dos agentes envolvidos. Conseqüentemente, vivenciamos momentos iniciais de frustração e incerteza, que inclusive nos fizeram repensar nossas próprias concepções e posturas teórico-metodológicas sobre “moradores de rua”.

Como primeira tentativa, imaginávamos encontrá-los em lugares específicos (como rodoviária, praças escuras e becos soturnos) durante o período da noite, sozinhos ou em pequenos grupos. Desse modo, pretendíamos estabelecer contato, com café e cigarros, para uma conversa informal. Contudo, nossas pretensões foram mal sucedidas e, após

algumas horas de “busca”, resolvemos mudar nossa estratégia, recorrendo ao albergue noturno de São Carlos para mais informações.

Numa segunda tentativa, após localizar o grupo em questão – reunido na praça Nossa Senhora do Carmo, ao lado do cemitério na Avenida São Carlos – aproximamo-nos desse com cautela e receio, temendo produzir má impressão que levasse a uma subsequente não aceitação. Após estabelecer um primeiro contato, vale ressaltar a rápida percepção de nossos objetivos ilustrada na frase: “Vocês não vão tirar foto não, né?”. Também foi levantada a hipótese de que nós, estudantes, estaríamos lá para “pegar as idéias da galera e botar num computador, escrever livros, fazer a história da gente”.

A partir desse episódio, apesar de nos apresentarmos como estudantes de Ciências Sociais, optamos pela não utilização de nossas câmeras, gravadores de som e mesmo de entrevistas como recurso metodológico². Além disso, nossa escolha por trabalhar, preferencialmente, na praça deve-se ao fato de que se trata de um local apropriado pelos “moradores”, onde as interferências institucionais se dão de forma mais amena. Dado que nossa equipe, desde o início, foi composta por quatro pesquisadores, foi possível abordar temáticas diversificadas e abrangentes no contexto em questão.

Trecheiros e trecho: identidade e dinâmica espacial

- 3 À medida que estabelecemos diálogo com as pessoas, notamos que o grupo é heterogêneo em sua composição. A maioria é do sexo masculino, com idades que variam entre 20 e 50 anos, provenientes das zonas urbana e rural das cidades de São Paulo, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Maranhão, Mato Grosso e Goiás. Contudo, devemos ressaltar que, de acordo com uma das assistentes sociais entrevistadas durante a pesquisa, o maior percentual da população em situação de rua do estado de São Paulo é proveniente da própria região Sudeste, contradizendo a noção do senso comum de que viria da região Nordeste.

Optamos por trabalhar com a praça do cemitério por se tratar do principal ponto de fluxo de uma população migrante e itinerante. No universo simbólico nativo utiliza-se o termo *trecho* para designar esses espaços urbanos apropriados pelos *trecheiros* e pelos quais eles *pingam* (transitam). Toda cidade pode possuir um ou mais *trechos*. Desse modo, o trânsito *detrecheiros* pode se dar dentro de uma mesma cidade ou intermunicipalmente sendo que, na maioria das vezes, as duas práticas coexistem, estando altamente organizadas e delimitadas para o uso dos mesmos.

- 4 Apesar de a praça ser um ambiente público, há uma demarcação simbólica do *trecho* que se dá a partir da ocupação não aleatória do espaço com seus pertences³, de modo que a apropriação desse ambiente pelo grupo seja perceptível para as outras pessoas. Algumas vezes, quando surge a necessidade de se mudar de *trecho* devido à não-aceitação de um novo membro, a mudança ocorre gradualmente, “de um em um para não dar na cara”. Na verdade, existem determinados códigos que não permitem a inserção de qualquer indivíduo na *banca* (categoria nativa usada para definir um grupo de *trecheiros*), o que caracteriza a formação de diversos trechos.

A dinâmica do grupo é extremamente instável e sua composição varia constantemente⁴. Embora a identidade *trecheira* seja compartilhada por todos num mesmo território, existem diferentes modos de “viver na rua” (mesmo em se tratando

de uma mesma *banca*), na qual: a) alguns alternam vivência na rua com vivência em residência da família; b) possuem família em São Carlos, mas vivem na rua e c) não permanecem num lugar fixo por muito tempo.

Trecheiro no trecho: uma identidade compartilhada

- 5 Adotaremos o conceito de identidade para caracterizar um estilo de vida trecheiro no que tange à formação de um grupo, mesmo instável, que compartilha uma simbologia e valores em comum. Esse conjunto de códigos está mais atrelado ao território (trecho) do que aos sujeitos. Sendo assim, o fluxo contínuo desses indivíduos não altera a simbologia daquilo que diz respeito ao “ser” trecheiro dentro de determinado trecho.

Algumas noções compartilhadas pelo grupo de trecheiros são: correria e respeito. De acordo com a concepção local, correria remete aos mecanismos de busca⁵ como pedir esmolas, olhar carros, praticar furtos e, eventualmente, trabalhar, informalmente, para aquisição de aguardente, drogas, comida e medicamentos, bem como o dinheiro necessário para a realização dessas trocas. Dinheiro este que deve ser compartilhado com toda a banca que, como vimos, trata-se do grupo de pessoas presentes e aceitas no trecho.

Dentro da realidade dos trecheiros, a idéia de respeito assume extrema importância para a organização do grupo. Trata-se de um conjunto de valores que, compartilhado, garante consonância ao trecho. Ajuda mútua, consciência dos limites estabelecidos pela simbologia nativa e até o tempo de vivência no trecho são alguns fatores abrangidos por esse. Além disso, a correria também é uma forma de obtenção de respeito na banca, pois, tratando-se de um mecanismo eficaz de aquisição de dinheiro e tendo em vista que esse é coletivo e não individual, é fato, como observamos, que quem mais contribui é mais respeitado pela banca.

Morador de rua versus Trecheiro: uma identidade contrastiva

- 6 Ao questionarmos sobre o que seria um Trecheiro⁶, nos foi explicado que se tratava daquele que não pára em lugar nenhum, vive na rua, pingando de cidade em cidade e sobrevivendo de bicos e correrias. Em contraposição, notamos mais uma categoria nativa, a do pardal: aquele que se fixa numa cidade, igualmente sobrevivendo de bicos e correrias. Dado que Trecheiro está pautado numa lógica de instabilidade, a partir do momento em que se fixa em um único trecho adquire outra conotação, podendo tornar-se pardal. Nesse sentido, ser pardal é fixar-se afetiva e territorialmente em um trecho específico ou - nas palavras de uma trecheira - “é pardal porque fica numa árvore, faz um ninho”. O termo Trecheiro é uma construção produzida exclusivamente para se distinguir da figura frágil de pardal. Desse modo, tem-se categorias opostas e complementares, uma vez que só é possível definir a figura de Trecheiro a partir de sua oposição ao pardal.

Por sua vez, o termo pardal é por eles construído estritamente para a negação daquilo que seria um “morador de rua”, já que esta segunda qualificação só é utilizada por aqueles que não compartilham do universo simbólico trecheiro. A negação do “ser morador de rua” se dá por conta de seu aspecto estigmatizante, ou seja, sua conexão

com a figura frágil, alcoólatra, doente mental e abandonada pela família. Apesar disso, a definição de pardal aproxima-se mais da conotação de “morador de rua”, no que diz respeito a uma certa fixidez que em si pressupõe sua condenação à marginalidade e não de uma opção de vida. Por outro lado, a figura do Trecheiro relaciona-se ao nomadismo, remetendo a um estilo de vida escolhido pelo indivíduo, o que garante ao termo uma valoração mais positiva. A partir daí, torna-se plausível compreender porque dificilmente alguém se autodenomina pardal, adaptando, quando necessário, o tipo ideal Trecheiro à sua condição circunstancial, de modo que ele possa se encaixar dentro do mesmo.

É importante ressaltarmos que Trecheiro e pardal são dois tipos ideais; classificam-se em circunstâncias específicas e são tomados como abstrações e combinações de um indefinido número de elementos. Ainda que tais elementos sejam encontrados na vivência cotidiana, são raramente ou nunca descobertos nestas formas ideais. Os conceitos de Trecheiro e pardal são categorias de pensamento sobre a identidade do grupo, sendo que todas as pessoas com quem conversamos compartilham a mesma concepção sobre esses termos.

Instituições e políticas públicas

- 7 Os diferentes pontos de vista sobre a população trecheira da cidade de São Carlos podem ser ilustrados a partir das quatro instituições que os assistem: S.O.S Albergue Noturno, Secretaria de Cidadania, Posto de Rua e Pastoral na Rua. Notamos que a visão do albergue distingue-se das demais, vinculando a imagem do “morador de rua” à de “vagabundo”, enquanto que as demais partem da suposição de que se trata de “excluídos sociais”.

O albergue e a imagem do vagabundo

- 8 O S.O.S. Albergue Noturno, a princípio, era uma entidade filantrópica que sobrevivia de doações e que assistia somente aos “itinerantes” e “migrantes”. Posteriormente, devido a um convênio com a prefeitura, passou a direcionar seus serviços também aos “moradores de rua” de São Carlos. Os serviços de assistência à “população em situação de rua” dessa instituição consistem em: pernoite, banho, duas refeições diárias (café da manhã e jantar) e fornecimento de passagens para migrantes. O expediente vai das 18h às 7h, permitindo a entrada espontânea de usuários das 18h às 20h. A partir desse horário são realizadas rondas, com funcionários do albergue oferecendo estada àqueles que estão dormindo na rua. Na verdade, trata-se de uma política de higienização do ambiente urbano financiada pela prefeitura.

Sobre esses serviços, é importante destacar o fornecimento das passagens: elas são distribuídas às terças e sextas-feiras, para quatro destinos predeterminados: Rio Claro, Araraquara, Descalvado e Itirapina. As passagens orientam o destino do “itinerante/migrante”, geralmente encaminhados para a cidade mais próxima à sua escolha. Trata-se de uma política voltada diretamente para aqueles que não possuem um endereço na cidade de São Carlos, associada à norma que prevê um tempo máximo de três dias no albergue, refletindo uma postura de controle municipal da população de rua para evitar a permanência e até a criação de vínculos com a cidade.

De acordo com a visão do albergue, existem três tipos de usuários: “morador de rua” (aquele que não se adapta mais a um estilo de vida rigoroso e disciplinado), o “migrante” (aquele que viaja com toda a família em busca de emprego, procurando habitualmente trabalhar no corte de cana ou de caseiro em chácaras) e o “itinerante”

(aquele que transita de cidade em cidade, que “vive do expediente de itinerante”)⁷. O que diferencia o “itinerante” do “morador de rua” é o fato de o primeiro corresponder ao conceito de Trecheiro, por conta da instabilidade e transitoriedade que o caracteriza, enquanto que o segundo passaria mais tempo num mesmo local.

Tendo em vista essa definição, somente os que condizem com a descrição do “migrante” estão realmente à procura de uma reinserção na sociedade por meio do trabalho. Logo, o itinerante e o “morador de rua” são aqueles que, nas palavras do diretor geral do albergue: “não vão pra frente; eles não querem; eles não se adaptam mais à vida familiar, à responsabilidade”. É possível afirmar que, sem negar a existência de fatores externos que impossibilitem a reinserção social, o itinerante e o “morador de rua” não têm a intenção de abandonar o estilo de vida adotado. Essa conotação, associada ao modo de vida hegemônico, possibilita a leitura dessa conduta como “vagabundagem”.

Devido ao fato de o “itinerante”, muitas vezes, dividir o mesmo espaço com os “moradores de rua” - seja no albergue ou no trecho -, ele adquire informações sobre o funcionamento das instituições locais e suas brechas, fazendo uso das assistências e fazendo uso das políticas públicas conforme suas necessidades. É o caso das passagens, que muitas vezes são usadas para reproduzir seu estilo de vida. Alguns as utilizam para visitar familiares ou, ainda, pingar de trechos em trechos.

Secretaria da Cidadania, Posto de Rua e Pastoral na Rua: a imagem do excluído social

- 9 Dentro da Secretaria da Cidadania, existem alguns profissionais voltados para as políticas de assistência à “população em situação de rua” da cidade de São Carlos. Entre os principais serviços oferecidos estão: a providência de documentos, auxílio na busca por emprego, tentativa de reconciliação com a família, encaminhamento para tratamentos médicos, psicológicos e para dependentes químicos. Durante nossa pesquisa, estava em pauta a elaboração e a tentativa de implementação do projeto de uma casa diurna. Devido a isso, esses profissionais foram os únicos a elaborarem um levantamento estatístico da população *trecheira* local.

Durante uma de nossas visitas ao *trecho*, presenciamos a atuação da Pastoral na Rua, um grupo de jovens católicos que distribui marmitas, aos sábados, nos diversos trechos da cidade. Diferentemente do Posto de Rua, trata-se de uma instituição que tem como um de seus principais objetivos a supressão das necessidades imediatas dos indivíduos. E que, além disso, interage com outras instituições formais, realizando algumas de suas visitas dentro do próprio albergue e até mesmo consultando a Secretaria da Cidadania para obter maiores informações sobre algumas pessoas.

Por meio da pesquisa de campo, conhecemos o grupo Posto de Rua, formado majoritariamente por espíritas kardecistas, que oferecia, aos domingos, sessões de corte de cabelo, barba e unhas, doação de produtos higiênicos pessoais e refeições. Esse grupo utilizava as políticas assistencialistas como estratégia de aproximação, tendo como principal objetivo uma possível “regeneração” e restauração da “dignidade” das pessoas. Para isso, realizavam pequenas palestras aparentemente sem motivação religiosa⁸ e discursos eventuais do A.A. (Alcoólicos Anônimos). Percebe-se, a partir deste objetivo de “regeneração”, o caráter incisivo da proposta, voltada para a conversão a um estilo de vida tomado como ideal pelos componentes do Posto. Isso se

tornou evidente a partir do momento em que a própria instituição nos apresentou um “ex-morador de rua” como sua “maior conquista”, sendo que este atua, presentemente, em conjunto com o Posto e o A.A., colocando-se como um exemplo de “evolução” a ser seguido.

Podemos dizer que aquilo que conecta essas três instituições é a visão sobre a população *trecheira* que a vincula à imagem de pessoas frágeis, marginalizadas e doentes (alcoólatras). O que explica o fato de seus serviços estarem voltados, em maior ou menor grau, para uma suposta reinserção desses “excluídos” na sociedade. Esta visão, de maneira geral, produz discursos que, apesar de não serem compactuados pelos *trecheiros*, não fazem com que dispensem (ao menos eventualmente) os recursos oferecidos por tais serviços. Entretanto, os recursos são apropriados na medida em que são incorporados a seu modo de vida e visão de mundo. Não foi por acaso que notamos que, apesar de consumirem o alimento distribuído, muitos não permanecem para a reunião com o A.A. ou, quando o fazem, criticam arduamente seu discurso, já que se contrapõe às percepções *trecheiras* sobre bebida, demonstradas adiante.

Relações com a medicina institucionalizada e o uso dos remédios

- 10 Quando questionados sobre os serviços prestados pela Santa Casa e Pronto Socorro da cidade, os *trecheiros* afirmaram que, apesar de se sentirem satisfeitos com o tratamento a eles dirigido nessas instituições, recorriam a elas somente em emergências. Em outros casos, preferem se automedicar, improvisando com o medicamento conseguido nas *correrias*. Uma frase atraiu nossa atenção: “aqui um olha pelo outro e ninguém fica doente; aqui, só fica doente quem quer”. Esse tratamento recíproco não se dá de modo “desorganizado”. Ele segue os seguintes critérios:
 - Para feridas externas: antiinflamatórios e antibiotico⁹ como cataflan e amoxilina.
 - Para dores internas: analgésicos como melhoral, anador e novalgina.
- 11 Vale lembrar que os cães do *trecho* também são tratados com esses medicamentos, levando em conta a mesma lógica.

Pinga, saúde e doença

- 12 Antes de tudo, devemos esclarecer que o consumo de pinga é rotineiro e unânime no grupo. No decorrer do trabalho etnográfico, pudemos perceber que, além de usual, a pinga é um elemento simbólico central entre os *trecheiros*, destacando-se por ser, primordialmente, um símbolo ambivalente e poderoso, através do qual se pode atingir tanto o estado de doença como o estado de saúde.

Uma das manifestações do poder da pinga é percebida por sua capacidade de alteração da consciência¹⁰, o que por si só não possui valoração positiva ou negativa. Sua conotação positiva se dá quando entrelaçada a efeitos considerados benéficos, possibilitando momentos de descontração e união. A conotação negativa, por sua vez, manifesta-se quando correlacionada a efeitos considerados maléficos como o des controle das ações e a perda das capacidades individuais, podendo ocasionar a quebra do *respeito*. Ainda outra função importante da pinga – e que faz com que esteja constantemente presente no cotidiano do grupo – é expressa em sua competência para

“produzir” saúde e influenciar na dinâmica da sociabilidade. A “produção” de saúde é possível graças à alteração da consciência (“ficar na brisa”), a emergência de estado de alerta (“ficar esperto”), a animação e euforia. Todos estes fatores são frutos de um uso continuado e consciente da bebida. Além disso, a pinga pode ser também agente de estabilização emocional quando permite alterar os malefícios da memória. Sem contar que estar em alerta - ou ficar esperto - é condição *sine qua non* para a realização das atividades diárias como fazer as *correrias* (importante na manutenção do *respeito*, como já analisado acima) ou proteger-se das possíveis vulnerabilidades da rua.

- 13 Não obstante, o mesmo vetor “produtor de saúde” pode transfigurar-se em vetor de doença, em fenômeno desajustador da realidade do grupo. Pois, se beber é essencial para a efetivação das atividades cotidianas, beber sem controle pode ter como consequência a inatividade e a dependência de outrem. Levada ao extremo, a situação de descontrole, através do consumo excessivo, faz com que o sujeito enfraqueça, pare de se alimentar, “se perca na pinga”. Citando a esclarecedora fala de uma *trecheira*, “a gente que tem que beber a pinga e não a pinga beber a gente”.

É interessante notar que em situações nas quais “a bebida bebe a pessoa” não existem práticas terapêuticas visando cura¹¹. Diferentemente, quando se está doente por qualquer outro motivo que não a bebida, são tomadas algumas medidas quase sempre envolvendo a regulação do uso da pinga, sendo que esta pode, também, atuar como elemento de intermediação entre saúde e doença. Na maioria das vezes em que um dos membros está passando por procedimentos terapêuticos, o grupo parece agir de maneira a impedir que faça uso de pinga, sendo que a suspensão desta contribui (juntamente com a utilização de remédios, em alguns casos) para a própria experiência da cura. A não utilização de remédios e a abstinência de pinga, conjuntamente, associam-se, ainda, a uma concepção nativa de que a ingestão das duas substâncias vem a se tornar tóxica para o organismo¹². De modo geral, pode-se concluir que beber pinga é uma maneira de reafirmar seu estado de saúde, pois tudo que se relaciona à abstinência relaciona-se, conseqüentemente, ao estado doentio.

Corpo e memória

- 14 Outra importante e elucidativa ação observada foi o fato de um *trecheiro* ter confiado a outro, quando necessitou se ausentar para a realização de uma *correria*, a guarda de um dos seus mais preciosos bens, seu *galo*. É imprescindível esclarecer aqui que, de acordo a concepção local, *galo* significa qualquer tipo de sacola, mala ou mochila que sirva de relicário para os bens pessoais de cada *trecheiro* (roupas, fotos, bilhetes, cartas etc.). Vale lembrar que, de uma forma quase que unânime, somente os documentos não devem ser guardados no *galo*, uma vez que esses deveriam estar sempre junto ao próprio corpo. A valorização dos documentos é dada por sua funcionalidade prática cotidiana, como o cadastro para utilização do albergue, viagens e até mesmo em fiscalizações policiais. Além disso, o fato de se constituírem como um grupo estigmatizado reafirma o valor dos documentos, já que possuir uma identificação formalizada e burocrática é uma das únicas maneiras, para eles, de exercerem uma cidadania efetiva: “sem documento a gente não é nada”.

Sobre a importância do *galo* como meio de guardar e transportar seus únicos bens pessoais, uma *trecheira* explica que a origem do termo *galo* provém de galo de briga, expressão inerentemente ambígua que explicita a relação de dualidade que há entre objeto e portador, tanto no que tange à dicotomia interno (corporalidade) *versus* externo (bens pessoais), como significação da memória. No que

se refere à primeira dicotomia (interno x externo) temos que o *galo* pode tanto significar um conjunto de bens sob posse do *trecheiro*, como a própria extensão do corpo deste. Nesse sentido, representa algo como uma “materialização” da memória. Porém, e já introduzindo a segunda dicotomia, a memória tanto pode se manifestar como uma lembrança afetiva boa quanto um fardo da lembrança de experiências ruins, posto que “se o *galo* tá pesado, vira um fardo”. Podemos concluir, então, que o *galo* assume um significado muito mais simbólico que material, sendo uns dos fatores responsáveis pela construção do “ser” *trecheiro*.

- 15 Percebeu-se, no decorrer da etnografia, um significativo número de pessoas tatuadas (estas, em geral, tinham em comum a passagem pela penitenciária) o que, em alguma medida, também se vincula à questão da memória. Frequentemente, as tatuagens se associavam à trajetória de vida de cada um, refletindo experiências passadas através de nomes ou figuras representando filhos, ex-cônjuges, familiares e situações específicas, como ilustra o exemplo de um *trecheiro* que tatuou no corpo a figura de um menino com o rosto numa lata de cola. Isto talvez demonstre – ainda mais pelo fato de que embora ele tenha feito uso de cola, atualmente condene a utilização desse tipo de droga – a capacidade da tatuagem de estabelecer diálogos com o passado: seja afetivamente, seja como fardo. Deste modo, assim como no caso do *galo*, as insígnias corpóreas são a “materialização” das lembranças negativas e positivas, sendo também fardo e afeto. Alguns *trecheiros* têm o hábito de guardar no *galo* papéis com anotações de acontecimentos e nomes, o que fazem também no próprio corpo – dois *trecheiros* anotaram nossos nomes nas mãos, com caneta. Pode-se dizer, então, que o *galo* e as tatuagens são possibilidades de construir, reconstruir e atualizar a memória na esfera do corpo.

Conclusão

- 16 Tendo em vista nossa escolha de uma perspectiva etnográfica, com o objetivo de realizar uma pesquisa que se desprenda de análises teóricas, acreditamos que nosso olhar antropológico contribua para abrir novas possibilidades interpretativas sobre a questão do “viver na rua”. A partir dessa abordagem, posicionamo-nos criticamente quanto ao estereótipo do excluído social, frequentemente presente no imaginário coletivo, bem como em algumas interpretações científicas, priorizando uma visão embasada na noção que o *trecheiro* tem sobre si mesmo.

NOTAS

1. Optamos por relativizar o termo “moradores de rua”, através do emprego das aspas, devido ao fato de que a experiência em campo revelou a incompatibilidade de tal com a identidade do grupo estudado, evitando desta maneira ocultar a complexidade do mesmo. Sendo assim, passamos a fazer uso das próprias categorias nativas que, por sua vez, são dotadas de grande flexibilidade e alto potencial explicativo da realidade em questão.

2. É importante esclarecer que não fizemos uso de entrevistas também pelo fato de que optamos por trabalhar com a observação participante num contato mais informal. Já no caso das instituições realizamos entrevistas gravadas e semi-estruturadas.
3. Os pertences do grupo são distribuídos de forma que a disposição deles delimite o perímetro circular do local.
4. Vale notar que apenas dois integrantes estiveram presentes em praticamente todas as visitas realizadas no local.
5. Sobre esses mecanismos de busca, torna-se necessário ressaltar que se trata de escolhas flexíveis, isto é, determinadas práticas de obtenção não são previamente impostas.
6. Utilizamos as formas *Trecheiro* e *trecheiro* no intuito de diferenciar o tipo ideal (com letra maiúscula) da *banca* como um todo (com letra minúscula).
7. Nas palavras do diretor geral do albergue: “*Trecheiro* é o itinerante, *trecheiro* como o próprio nome diz, ele vive do *trecho*, aqui em São Carlos, São Paulo, Rio Claro, Descalvado, Não interessa, ele veio de Araraquara, Araraquara mandou ele pra Descalvado, já teve em Itirapina, então o que que ele faz? Ele ia pra Rio Claro não deu, ‘pumba’ pra Descalvado, de Descalvado, ele já tá meio mal visto aqui e ‘pumba’ pra Porto Ferreira, em Porto Ferreira, ele vai pra outra cidadezinha e ‘pumba’ em Ribeirão, quando chegar em Ribeirão, pá pra São Carlos. Esse é o *trecheiro*, ele vive de expediente”.
8. Vale lembrar que, pelos relatos de representantes do Posto de Rua e Pastoral na Rua, acreditamos que - por mais que as duas instituições neguem qualquer caráter religioso- ambas estão inseridas em “projetos” religiosos mais amplos como os de “salvação e evolução da alma” ou “fraternidade e humanismo cristão”.
9. É provável, de acordo com o que foi relatado, que ambos os tipos de medicamentos - antibióticos e antiinflamatórios - sejam consideradas semelhantes na classificação nativa, não assumindo grande importância as classificações biomédicas.
10. A alteração da consciência se dá porque a pinga “sobe na mente”. Podemos perceber que a noção de mente se relaciona à consciência, como é notável nas expressões de uma trecheira quando narrava sobre situações de perturbar e estar sendo perturbada por alguém, como: “Eu entrei na mente dele”, “dá o ar na minha mente”.
11. Uma comparação entre as atitudes dos *trecheiros* e de grupos provenientes de outros estratos sociais (como as classes médias) frente às pessoas que fazem uso abusivo de bebida alcoólica poderia propiciar conclusões interessantes. Ao menos como indicação inicial, notamos o contraste entre as interpretações dos *trecheiros* a respeito daqueles que foram “bebidos pela pinga” - que se pautam na visão destes como pessoas que escolheram “se perder na pinga” e, portanto, não há tratamento nestes casos - e as interpretações de outros segmentos sociais acerca dos que fazem uso excessivo de bebida, pautadas por sua vez na idéia da existência de uma dependência fisiológica, sendo a pessoa considerada irresponsável pelos seus atos e portanto passível de submissão a tratamentos terapêuticos (quase sempre de cunho psicológico/psiquiátrico).
12. É importante destacar que esta concepção trecheira (de que a mistura de remédio e bebida é necessariamente tóxica) diferencia-se daquela compartilhada pelos grupos altamente medicalizados, na qual o uso do álcool elimina os efeitos do remédio, idéia esta pautada em categorizações bioquímicas.